

Homem, um estranho no ninho do planeta

Martin Wolf

Valor, 10.3.2021

É uma questão em aberto se será possível fazer uma correção radical de rumos

Atualmente, os seres humanos e os animais que criamos para nos alimentar constituem 96% da massa de todos os mamíferos do planeta. Além disso, 70% das aves vivas de hoje são usadas na alimentação - principalmente os frangos que comemos. Considera-se também que as taxas de extinção sejam de 100 a 1 mil vezes maiores do que as de todo o período das últimas dezenas de milhões de anos. Tudo isso é uma pequena parte do total do nosso impacto sobre a biosfera do planeta, a soma de todos os seus ecossistemas.

A humanidade se tornou um estranho no ninho planetário. Nosso drástico sucesso em aumentar nossa riqueza e nossos números criou uma nova era, às vezes chamada de “Antropoceno”. Esse rótulo pode ser um exagero. Mas a constatação de que nossas atividades estão remodelando a vida na Terra não é nenhum exagero. A pergunta, em vista disso, é: se quisermos reverter essas ameaças, o que temos de fazer e do que temos de abrir mão?

Os fatos notáveis observados acima foram extraídos do prefácio de David Attenborough a um estudo definitivo sobre a economia da biodiversidade, de Sir Partha Dasgupta, da Universidade de Cambridge. Não é mais possível, argumenta Dasgupta, excluir a natureza da nossa avaliação econômica. Como afirma sobriamente sua análise: “Na essência, os problemas que enfrentamos hoje não diferem dos enfrentados por nossos ancestrais: como encontrar um equilíbrio entre o que tomamos da biosfera e o que deixamos para trás para os nossos descendentes. Mas, enquanto nossos ancestrais distantes eram incapazes de afetar o sistema da Terra como um todo, nós não apenas somos capazes de fazer isso como estamos fazendo isso”.

Em uma fascinante aula recente na faculdade sobre “tecno-otimismo, mudança de comportamento e limites planetários”, o economista britânico Lord Adair Turner encara de frente a questão de qual seria a melhor maneira de administrar os desafios. Ele destaca dois enfoques alternativos. Um, que eu chamaria “Para a frente e para cima”, repousa na convicção de que a engenhosidade humana encontrará uma maneira de solucionar os problemas criados pela engenhosidade humana. A outra, que eu chamo “Arrepensei-vos, pois o Fim está próximo”, repousa na convicção de que temos de abandonar todos os nossos hábitos gananciosos se quisermos sobreviver.

Numa contribuição valiosa, Turner transforma essas atitudes contraditórias em perguntas empíricas: o que vai funcionar, e em que horizonte temporal? Ao respondê-las, ele distingue sistemas físicos de sistemas biológicos. Os primeiros são os que nos fornecem trabalho, calor e refrigeração. O grande desafio nesse quesito é nossa dependência da luz do sol fossilizada, sob a forma de combustíveis fósseis e suas emissões de gases-estufa. Os últimos nos fornecem os alimentos que consumimos, bem como alguns produtos têxteis. O sol, a água, os minerais e a atmosfera são, desnecessário dizer, essenciais à vida. Mas a transformação desses elementos em vida, propriamente dita, envolve bioquímica - a produção de moléculas complexas realizada pela própria vida.

“Making Mission Possible: Delivering a Net-Zero Economy”, publicado pela Comissão de Transições Energéticas em setembro de 2020, esquematiza uma passagem plausível para emissões líquidas zero até 2050, ressalta Turner. Em seu cerne está uma guinada na direção de contarmos com luz do sol e o vento sob a forma de energia elétrica gerada pelo sol e pelo vento. Isso será associado a baterias, a hidrogênio e a outras formas de armazenagem, bem como com uma participação da bioenergia e da captura de carbono no médio prazo. Graças à queda vertical do custo da energia renovável, essa transição é atualmente tão viável quanto barata.

Em resumo, a física da transição energética é simples. A dificuldade é a escassez de tempo. Temos de fazer grandes avanços na direção de emissões mais baixas ao longo dos próximos dez anos. Não conseguiremos reformar toda a nossa infraestrutura num período tão breve. Portanto, no curto prazo, muitos de nós terão de limitar seu consumo. Mas, no longo prazo, ficará comprovado que os tecno-otimistas tinham razão na questão da transição energética.

Infelizmente, eles (ainda) não têm razão na questão da transição alimentar. O problema não é a energia que precisamos para nos prover de alimentos, que corresponde a apenas 6% do uso humano total de energia não voltado para alimentos. O problema é que a fotossíntese e a conversão de plantas em carne pelos animais são ineficientes em termos energéticos. Em vista disso, a bioquímica explica por que o gênero humano teve de se apoderar de parte tão grande do planeta. São necessárias áreas enormes ocupadas pelos receptores solares chamados plantas para produzir alimento suficiente, e a produção agrícola, além disso, emite grandes quantidades de gases-estufa.

Turner sugere uma combinação de três soluções para esse enorme problema. A primeira são grandes melhorias na prática agrícola. Estamos, por exemplo, danificando a Terra e substituindo-a por novas terras tomadas a outras finalidades. A engenharia genética certamente terá um papel nessa solução. A segunda são mudanças da dieta, principalmente um distanciamento da carne e dos laticínios. A terceira são mudanças radicais de tecnologia, em última instância transformando a produção de alimentos em apenas mais um processo industrial.

Estamos, em suma, em um momento crítico histórico. Coube à nossa geração assumir a responsabilidade pelo planeta como um todo. Não há dúvida de que boa parte da resposta tem de ser uma mudança tecnológica bem-direcionada, uma vez que nenhum processo político concebível, menos ainda um processo político democrático, enfrentará esses desafios por meio da reversão de dois séculos de crescimento da utilização energética. O gênero humano não vai recuar à sua existência pré-moderna, quando a vida era perversa, brutal e curta para quase todos. Mas, diante do ponto em que estamos agora, em termos do nosso impacto sobre a biosfera, teremos também de mudar nosso comportamento, pelo menos em curto a médio prazo.

Se será possível ou não pactuar e implementar uma correção de rumos tão radical é, para dizer o menos, questão a conferir. Até agora, revelamos uma inabilidade quase total de solucionar esse enorme desafio à ação coletiva. Mas a necessidade de fazer isso é evidente. Não podemos continuar nos comportando como até agora. Muitos de nós terão de mudar seu comportamento, e os mais ricos dentre nós serão os que mais terão de mudá-lo. **(Tradução de Rachel Warszawski)**